

BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
São Paulo - Setor de Publicações - Ano VII nº 30 - Mar/Abr de 2000

Editorial

1. MISSÃO CUMPRIDA

Dez anos é muito tempo. Passa rápido, também.

Publicamos uma média de três Boletins anuais, ou ainda, trinta edições em dez anos. Pouco para nossas pretensões...

O tempo foi o nosso calcanhar de Aquiles; não conseguimos imprimir um ritmo de trabalho cadenciado, um intervalo de tempo constante entre uma edição e outra.

O número trinta estava programado para o final de novembro. Todas as nossas tentativas de definir um calendário anual foram por água abaixo. Desde sempre.

Trabalhamos, não sem conflitos, com um tempo orgânico. Hoje o sabemos.

Enquanto alguns colaboradores atendiam prontamente o prazo estipulado, muitas vezes nós mesmas decidíamos esperar pelos resultados de reuniões, assembleias, entrevistas, artigos. Muitas vezes tropeçamos em editoração eletrônica, impressão, revisão, revisão da revisão, e ainda em etiquetas, listagens e correio.

Dar forma ao Boletim foi um dos nossos grandes desafios; nestes dez anos a informática instalou seu reinado. Da máquina de escrever, passamos por processadores jurássicos e hoje convivemos com e-mails, Pentium 1, 2, 3...

Estivemos em contato com inúmeras gráficas e designers gráficos, programas e programadores, vírus e encrencas afins. Constatamos inúmeras incompatibilidades entre

máquinas, programas e sonhos. Quem diria?

Tivemos a sabedoria de uma burocracia reduzida ao circunstancial. Pequenas discussões e atualizações, uma pauta, quem fala com quem.

Fizemos história a partir da nossa própria história. Incorporamos acidentes de percurso, e assim somamos ao longo do tempo contos, reportagens, pontos de vista, entrevistas, lançamentos, setores, grupos, sedes.

Tive o prazer de conhecer o pessoal que gestou o Boletim: o Carlos Videira, que saudade, a Vera Rita, a Sonia Neves e a Eva. Com a Lourdes participamos do momento do parto. O Boletim virou gente. Por pouco tempo a Dodora e a Betty Antonelli. E, para ficar a Henriette e a Camila. Nem sempre foi fácil. Nunca são fáceis os grupos. Mas fizemos fartos e divertidos jantares e a nossa amizade selou-se em pares funcionais dos mais diversificados, dentro e principalmente fora do Boletim. Posso dizer que comeci a aprender, com o Boletim, as sutilezas da fotografia institucional: assuntos, planos, focos, enquadramentos e sombras. Diafragmas, reveladores, ampliações e fixadores.

Que novo grupo assumo o poder. A nossa retaguarda será garantida desde que solicitada. O sentimento: missão cumprida.

Anna Correia

2. PAUSA PARA REFLEXÃO

Quando passei a fazer parte da equipe do *Boletim*, escrevi um pequeno artigo com o título *A atração do Boletim*. Apesar dos erros, que depois aprendi ser tão difícil evitar, creio ter manifestado a satisfação e o desejo que me moviam. Animava-me participar da equipe responsável por uma publicação que expressava, e espero que ainda expresse, a dinâmica dos grupos atuantes no Departamento, algo de sua interatuação e informes oficiais, indispensáveis para nos situarmos.

O Boletim indicou-me para a Comissão Coordenadora Geral. Por sua vez, a função de informar a respeito de seus passos, que a meu ver faz parte das atribuições da coordenação do Departamento, levava-me a procurar descrever, no *Boletim*, o que a C.C.G. conseguia realizar. Tive problemas. Colegas da C.C.G. (não todos), entenderam que eu deveria escrever, entregar-lhes o artigo para correções e/ou contribuições e depois publicá-los. Não aceitei essa injunção. Primeiro, porque os horários de reunião, os telefonemas e fax trocados pelos membros entre si, a incumbência de outros escritos, cartas etc, já ultrapassavam o tempo disponível que eu tentaria programar. Em segundo lugar, as falhas e imprecisões de meus textos poderiam ser corrigidas ou compensadas por outras colaborações dos demais membros da C.C.G., o que só enriqueceria o Boletim. Tomar essa posição levou-me, para evitar qualquer pressão ou equívoco, a mudar o título de minhas colaborações a res-

peito do trabalho da C.C.G. O que se chamava *Comissão coordenadora geral - movimentos*, passou a se denominar *Um ponto de vista sobre a Comissão coordenadora geral*. Este pequeno exemplo das vicissitudes de minha participação no *Boletim* não se reduz, espero, ao conteúdo do depoimento. Acredito que permita ao leitor imaginar o peso político do *Boletim* e a falta que ele fazia, sobretudo na divulgação das políticas do Departamento e para o próprio exercício da política.

As entrevistas que tivemos o prazer de realizar com Anna Maria Amaral, Mário Fucks e Alcimar de Souza Lima nos proporcionaram maior fluência na troca de idéias, vibração com revelações, instigação para visualizar rumos políticos e a honra de informar. Fomos muito bem recebidas pelos entrevistados, em suas residências ou locais de trabalho. Sonhamos com a prolongamento desse clima prazeroso de conversação: quem sabe, um dia, à beira da piscina, imitação de *O Pasquim* com teor alcoólico amenizado. Nossa próxima vítima teria sido Silvia Alonso. Se a próxima equipe do *Boletim* achar que vale a pena levar adiante o projeto de entrevistas, esperemos que não a deixe escapar.

Tivemos dores de cabeça históricas, como por exemplo a publicação do relatório do Grupo do Adendo, feita a toque de caixa no momento em que mudávamos de gráfica. Ficamos bem frustradas, quando os colegas encontraram dificuldade para ler o relatório, num momento político em que sua leitura era imprescindível. O número extra teve que ser refeito. Gostaria de ter refeito muita coisa. Principalmente, lamento não fazer mais o *Boletim*. Não tenho tempo de tentar fazer tudo o que quero fazer no Departamento. Ficam saudades.

Camila, Salles Gonçalves

3. DESPEDIDA

Estamos nos despedindo enquanto grupo que têm transformado resultado de reuniões, assembleias, propostas de gestão e organização, informes sobre as atividades de setores e grupos, relatórios financeiros, pequenos textos literários, entrevistas com colegas, discussões, as mais diversas, em *Boletim*. E estamos nos despedindo apenas enquanto tendo esta função. Trabalhamos durante 10 anos e 30 números e tivemos algumas satisfações que não são possíveis quantificar. Conseguimos manter durante todo este tempo um relacionamento respeitoso entre nós o que nos rendeu bons amigos. Diferenças tivemos muitas; pudemos apesar delas, ser tolerantes uns com os outros, e não perdemos de vista em nenhum momento o que de fato estava em jogo: a edição do *Boletim*. Nossa maior preocupação era, de um lado, garantir o acesso ao espaço para quem o desejasse e por outro, que o *Boletim* contasse o melhor possível o que acontecia no Departamento. No começo poucos estavam interessados no espaço. Nós é que tomávamos a iniciativa de convidar as pessoas e insistir para que elas mandassem material. Acreditamos que fomos eficientes nesta tarefa: temos recebido muito material para ser publicado por iniciativa, agora, dos próprios membros. A desconfiança inicial com as intenções do grupo - "afinal, o que vocês vão publicar?" - foi se desfazendo devagar com as edições do *Boletim*. Nossa maior satisfação era poder tornar público, via *Boletim* o resultado do trabalho dos colegas do Departamento... e quase sempre de muito trabalho.

Por que estamos deixando o *Boletim*? São cinco razões diferentes (somos cinco). Nossa é que não estávamos mais investindo tempo e trabalho como seria desejado.

A frequência das edições foi diminuindo, e mesmo assim sempre atrasadas. Era hora de pedir substituição. Agradecemos aos colegas do Departamento as críticas e estímulos que facilitaram e tornaram nossa tarefa mais interessante, e aqueles que em

algum momento participaram do grupo deixando boas idéias para a continuação do trabalho. É boa sorte para os que virão.

Eva Wongischowski

4. FIM DE CASO

Em 1995, o convite feito pela Sonia Neves para que eu fizesse parte da equipe do boletim me deixou empolgada, sobretudo pela possibilidade de trabalhar num lugar onde a imagem do Departamento, suas articulações políticas, produções científicas, conflitos, idéias individuais e coletivas poderiam ser compiladas e registradas.

Ao longo desses anos e a cada boletim tivemos um trabalho bastante intenso. Enfrentamos várias dificuldades: desde a estratégia de montagem, diagramação, até falhas nos prazos e nas revisões. Revelar a fotografia institucional nem sempre foi uma tarefa muito fácil, entretanto nos empenhamos para que essa imagem pudesse sair visível, atualizada e ampla. Por outro lado, pudemos vivenciar o estreitamento de boas amizades, que deixava também o trabalho divertido e prazeroso. Desse tempo me fica a certeza da realização de um trabalho consistente, a gratidão pelas amizades conquistadas e a esperança da continuidade de algo tão estimado e importante para todos nós.

Henriette Abramides Bucarechi

5. BOLETIM

"Alegrear": 1. Tornar ou por alegre, contente; contentar. 2. Embelezar, aformosear...

Alegrear: 1. Cortar com legria. 2. Sulcar, geralmente empregando legria, as juntas de (paredes, muros ou pisos de tijolo ou pedra), seja para renovar a argamassa, seja para dar ressaltito ao efeito plástico do material.

Alegre: 1. Ferramenta com que se fazem colberes de pau. 2. Ferramenta com que se raspa o tronco da maniçoba para obter o látex.

Alegre: 1. Que tem, que sente alegria; contente, satisfeito. 2. Que inspira alegria. 3. ...

Ferreira, Aurélio B. H., *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.

"Pensamos por fim este *Boletim* como um instrumento eficaz de veiculação e compreensão dos movimentos cotidianos do nosso Departamento de Psicanálise, para que, uma vez registrados em memória, enriqueçam nossos projetos e realizações." (editorial do *Boletim* número 1, junho/julho de 1990)

Durante o ano que antecedeu a publicação de seu primeiro número, o grupo do *Boletim* (Carlos Fagury Videira, Eva Wongtschowski, Sônia Maria Rio Neves, Vera Rita de Melo Ferreira, eu e logo depois Anna Correia) encontrava-se procurando conceber um periódico para o Departamento, a partir daquilo que fomos entendendo do mesmo e do lugar que queríamos para nós ali. As configurações dos diversos grupos, e de seu conjunto, as necessidades supostas para sua agilização, expansão e adensamento, e estratégias de intervenção voltadas para circulação de informação, eram pensadas, repensadas. Tínhamos também a referência de um boletim feito anteriormente, e em parte por outro grupo, que ficou em seus primeiros números. Queríamos mais. Penso que foram as infindáveis discussões sobre o Departamento, outras instituições e diversas publicações, assim como a grande afetividade desse grupo - divertíamos-nos bastante -, com boas doses de idealismo e um certo pragmatismo, que nos permitiram constituir um espaço importante para organicidade do Departamento.

Hoje nas reuniões gerais fala-se do isolamento dos setores - não mais setores - de um outro ponto de vista. Discute-se os diversos grupos de tra-

balho e políticas gerais de condução dos mesmos. Contínuo fazer-se, ora exposto às mudanças pelas quais o Sedes, não querendo ficar à reboque das substanciais transformações da nossa sociedade na última década, tem procurado instituir. Não são menores as questões que se pautam no campo dos diversos grupos psicanalíticos. Por outro lado, lidamos também com os efeitos do próprio crescimento do Departamento. O jogo de forças internas e externas (com o Sedes e fora do Sedes) é bem diferente e muito mais complexo. Concorrem aí as questões da pertinência que podem ser pensadas em suas inúmeras faces, desdobrando-as nos planos social, institucional, departamental e pessoal. Assim, estão em pauta: projeto político, plasticidade e eficácia de suas práticas, transmissão e cristalização de lugares, a circulação de funções, criação constante de novos espaços para a abrangência de outros projetos - outros e os mesmos, diferentemente.

O grupo do *Boletim* vive hoje a satisfação de ter acompanhado e contribuído para esse processo afirmativamente. Nesses dez anos, passou por mudanças: Carlos Videira e Vera Rita Ferreira saíram no final do segundo ano, Sônia Neves no final do sexto. Estiveram conosco, por um tempo, Elizabeth Antonelli e Maria Auxiliadora Arantes. Em 1995 e 1996 respectivamente, entraram Henriette Abramides Bucarechi e Camila Salles Gonçalves. Essa *co-memoração* é de todos. É também daqueles que de alguma forma participaram - escrevendo, lendo, opinando -, muitos dos quais bastante presentes e positivos. Vale aqui uma lembrança especial e carinhosa ao grupo desses últimos cinco anos que pode restabelecer para si, a partir de uma convivência que nem sempre foi fácil (dez anos, vários grupos...), encontros alegres e prazerosos, e, depois de boas edições, se desmanchar quando mudar fazia sentido, inserindo o projeto desse trabalho no bojo das transformações atuais do Departamento, lá onde possível, acreditamos, escutado e retomado.

A *co-memoração*, não menos, é dos que nesse curso *des-continuam*o.

A necessidade de um veículo de informação e comunicação do Departamento continua atualíssima. Atestando convergências e apontando diferenças é instrumento vital de oxigenação

de suas práticas.

Finalmente, como contribuição às discussões em pauta acerca de uma política de publicações, bem como de suas possíveis realizações, e àqueles que eventualmente se interessarem em retomar o curso do *Boletim*, segue um levantamento dos espaços abertos por essa publicação nesses dez anos, assim como uma indicação sucinta do que propunham. Acompanhando-se determinado tópico, ou o conjunto, nos números subsequentes, é interessante notar as vicissitudes de sua realização, assim como a evolução do tema e/ou grupo em questão. Na secretaria do Departamento estão todos os números arquivados. Vale lembrar que vários desses espaços propostos foram pouco utilizados pelo Departamento, como por exemplo *Semi-breve* ou *Cartas*, e é curioso que em reuniões alguns são reivindicados, inclusive como não existentes. Onde está o furo, isto está para ser melhor pensado. De qualquer forma o material existente é bastante significativo, tanto que tem sido uma fonte do trabalho de determinados grupos como *Adendo*, *CCGs*, etc. Vamos lá.

O *Boletim* número 1 foi lançado com as linhas básicas daquilo que iríamos desdobrar daí para diante. Um editorial, uma parte voltada à possibilidade de expressão de cada membro do Departamento e outra, de cada grupo do mesmo. E uma quarta área onde procuramos trazer notícias de fora desse âmbito. Entendemos que um dos pontos fortes do *Boletim* seria sua possibilidade de publicação de textos, desde pequenas notas, nos mais variados estágios de elaboração; e assim foi. Quanto à seleção dos mesmos, escolhemos publicar, além daquilo que procurássemos, tudo o que nos fosse enviado. Isso só não se deu quando, em duas ou três ocasiões, vimos que os respectivos autores ficariam mal colocados pela desarticulação do texto proposto. Outro cuidado que tomamos, considerando que tudo publicássemos, foi o de que todos os textos fossem assinados. Isto se deu inclusive em muitos editoriais onde, a partir das discussões em pauta, cada um do grupo, escolhido meio por rodízio, tinha a liberdade de escrever o que quisesse e, de outra vez, a liberdade de que o outro escrevesse o que quisesse, posto que assinado. Ainda que isso não fosse de acordo com o que se entende normalmente

por editoriais, parece que um certo despojamento para acolher diferenças, deixando-as expostas, sem nos ocuparmos com eventuais sínteses, foi uma marca significativa desse grupo para a continuação do trabalho a que se propunha. E foi essa a maneira que escolhemos para comemorar esse último número. Nessas linhas mestras, entendemos, ainda, que seria importante a regular periodicidade de sua publicação mas isso, com a complexificação de seu trabalho e com a estrutura operacional disponível, só conseguimos manter nos primeiros anos.

Agora, sobre cada uma das seções e duas palavras mais a propósito do *Editorial*. Trocadas em miúdos aqui no que diz respeito ao *Boletim*, talvez contagiem aqueles que com ele estejam se sintonizando para novas produções. Entendemos o editorial como uma oportunidade de envolver o leitor naquelas discussões que ouviamos dos vários grupos do Departamento, ou de fora, e que fazíamos passar pelo grupo do *Boletim*, propondo-as nas matérias que viriam a seguir. Buscávamos conhecê-las participando delas (daí também a importância de termos tido representação na Comissão Coordenadora Geral), recebendo informações e/ou propondo-as em matérias que solicitávamos. Muitas vezes recebemos textos mas, em sua maioria, fomos procurá-los. Esta necessidade permitiu-nos, muitas vezes, incidir significativamente na articulação de discussões importantes no Departamento. Certamente é esse um dos pontos mais interessantes do trabalho editorial em geral e, no caso do *Boletim*, uma forma privilegiada de participação no Departamento. Claro que aqui resguardados todos os parâmetros acima expostos e que discutimos constantemente com o coletivo.

Nas sessões *Depoimento* e *Ponto de vista* procuramos garantir espaço para expressões individuais; no primeiro, de um psicanalista falando de seu trabalho clínico, nas mais diferentes instituições, e, no segundo, outro falava de questões que defendesse meio a um debate que estivesse em curso no Departamento, no Sedes, na

Saúde Pública, na teoria psicanalítica, etc. Nessa sessão começaram a ser publicadas sinopses de algumas defesas de tese, o que, logo depois, gerou a sessão *Teses*. Nela, veiculamos sinopses, ou ao menos notícias, das teses que foram sendo defendidas por membros do Departamento.

Desde o começo, também a sessão *Reportagem*, onde tivemos inúmeros relatos e comentários de algum evento de interesse no Departamento, no Sedes ou fora, tanto a propósito do trabalho de um psicanalista especificamente, quanto de inúmeros encontros – assembléias, congressos, conferências, mesas redondas, etc.

Ainda, a sessão *Setor* que procurou em cada um dos números trazer notícias e debates acerca do trabalho cotidiano de cada setor (eram os setores: Publicações, logo desdobrado em *Boletim* e *Percorso*, Curso, Saúde Mental e Instituições, Clínica, Eventos e Grupo de Estudos). Ao longo dos anos, vemos o registro das transformações de cada um desses grupos, suas novas articulações, às vezes seu desaparecimento, as atividades conseguintes e os novos grupos, não mais como setores, suas propostas os espaços conquistados. Temos aqui, por exemplo, textos dos grupos Espaço de Trabalho, Comissão de Admissão, Seminários internos, etc. Estão aí registrados também o trabalho das comissões coordenadoras, seus projetos, questões, informes financeiros, propostas, os movimentos para nova forma de gestão, etc.

Procuramos reportar as principais questões das reuniões gerais, assembléias e jornadas internas. Os textos desses últimos anos de cada uma, assim como a publicação do estudo do Grupo Adendo, são documentos interessantes acerca da gestão do Departamento.

Desde o primeiro número, publicamos o calendário dos eventos que estavam para acontecer, assim como uma sessão de anúncios classificados que, durante algum tempo, sustentavam em boa parte a publicação do *Boletim*. Só mais tarde, suas despesas foram totalmente encampadas pelo Departamento.

Atentos às diversas produções do Departamento, com o passar do tempo, publicamos também o que se segue.

Textos que discutissem os temas escolhidos pela CCG, em determinados anos, para debates no Departamento (por exemplo, 1991: Violência, mal radicado na cultura). Textos dos alunos sobre a formação no Curso (sessão *Alunos*). Notícias e às vezes sinopses de livros escritos por membros do Departamento (*Lançamento de Livros*). Edição dos debates da *Percorso* em encarte separado para seus assinantes, inclusive aqueles que não fossem do Departamento (*Debate Percorso*). Listagem atualizada dos membros do Departamento com seus respectivos endereços (*Lista de membros*). Pequenos textos teóricos, inclusive em fase inicial de elaboração (*Semi-breve*). Opiniões e sugestões dos leitores sobre o *Boletim* (*Cartas*). Textos produzidos a partir dos grupos de seminários (*Seminários*). Passagens da produção ficcional de alguns colegas (*Contos e Crônicas*). E, a partir de maio de 1996, procurando acompanhar as transformações do Departamento, fizemos algumas entrevistas com pessoas que coordenam grupos no mesmo, mas fora das estruturas prevista até então (*Entrevistas*).

Enfim, em toda essa listagem, algumas matérias interessantes, outras não. Muito por ser feito. Seu efeito: um grande plano que adquire consistência por sua constância – a história do Departamento nos últimos dez anos está, de certa forma, aí registrada – e pela plasticidade de seu conjunto naquilo que, enquanto instrumento de comunicação e informação, procurou potencializar: a vida, o fortalecimento e a expansão do Departamento de Psicanálise.

Em tempo: A propósito das discussões ora em curso sobre a articulação da área de publicações do Departamento e, a partir desse trajeto do *Boletim*, daquele também de dez anos na *Percorso*, assim como aquele de representante na CCG-1991/92 do *Boletim* e da *Percorso*, e do período no Núcleo de Departamentos (uma oport-

Editorial

tunidade de conhecer e debater outras publicações do Sedes), quero ainda reafirmar meu empenho no seguinte: a importância da pluralidade e diversidade das publicações. Claro que não se trata de números indeterminados, o que poderia aplacar qualquer possibilidade de dialogar qualquer possibilidade de diálogo, mas de tan-

tos quantos forem os eixos consistentes e singulares. Assim, é fundamental que existam *Boletim* (ou o que dele se desdobre), *Percursos*, livros como *Leituras de Freud*, publicações a partir, por exemplo, das produções do grupo Espaço de Trabalho, e outros, acentuando suas diferenças, consistência e porosidade. A participação

nas diversas publicações, e entre elas, é bem-vinda, e pode ser muito estimulante, mas não o encampamento de uma pela outra. Nessa área do Departamento, há várias linhas por tomar forma e, serão tão mais interessantes, quanto suas diferenças alegres.

María de Lourdes Caleiro Costa

Cartas para o Boletim

CARTA I

Dez anos de Boletim. Trinta números. Honrada pelo convite para escrever, é a ele e ao grupo que o tem feito que eu gostaria de homenagear com estas poucas linhas.

O Boletim tem tido uma função fundamental para o funcionamento institucional: fazer as pontes e ligações dos membros do departamento com os vários setores, grupos e iniciativas e destes entre si. Faz isso dando a saber, fazendo ver, indo procurar e trazendo à tona, por um trabalho de pesca e garimpagem de seu grupo, que vai além de meramente oferecer o Boletim como veículo passivo de comunicação. O Boletim é interpretativo na sua proposta e não apenas um veículo informativo, embora o seja também. Isso pode se dar por que o Boletim procura estar a serviço de um ideal de transparência nas relações institucionais, ideal fundamental para um funcionamento institucional que se pretende democrático (não aristocrático, governo de poucos os considerados melhores, nem tirânico, governo de um só sob sua lei, nem nepotista, favorecedor dos próximos ou parentes). Ele faz a sua parte nisso. O recente uso do Boletim como veículo da comissão de Adendo que expôs o resultado de um longo e importante trabalho bem como a preparação das últimas assembleias e de tantas outras

que houveram, a publicação das discussões de número de Percursos, mas também de seus balancetes administrativos e financeiros as entrevistas com membros do departamento que neste realizam um trabalho significativo ou que desperta interesse, as polémicas, a palavra de quem nos representa no Sedes, que quis contar, historicizar, o andamento de novas iniciativas como o Colegiado de Admissão, relatos de impressões dos vários eventos realizados, também a comunicação de novas iniciativas em gestação no departamento, a mudança de endereço de algum membro, a lista dos membros e seus endereços, são inúmeros os exemplos que mostram que o Boletim procura trazer uma palavra viva. Mostram o corpo de um trabalho significativo e com sentido e não uma informação desen-carnada, morta com fins meramente quantitativos ou de manutenção do esqueleto de uma instituição que estaria entrijecida no seu status quo.

Tomando emprestado um trecho do trabalho do grupo do adendo (n.29), o Boletim tem sido fundamental para manter alguns eixos comuns de sustentação: o ideal democrático, a valorização da multiplicidade de linhas teóricas e liberdade de trânsito e produção. Contribuí diretamente, ao veicular ativamente a diversidade, indo buscá-la, facilitando a convivência com o diferente, dando a oportunidade de expressão, incluindo ao in-

vés de expulsar, transformando as rivalidades em polémicas produtivas para a instituição, e não um mero jogo repetitivo preso à economia narcísica de seus membros ou da instituição pelo seu lado mortífero.

Parabéns para a equipe que produz o Boletim e para as que o produziram em outros momentos! Que a instituição possa fazê-lo viver por muitos e muitos anos!

Renata Udler Cromberg

CARTA II

Resolvi escrever uma carta para vocês. Penso que uma carta denota uma certa intimidade, e como recebo o Boletim desde há muito, acho que já nos tornamos mais próximas. Levei um susto ao recebera correspondência do Departamento, no final de Agosto.

As palavras "fechamento de um Ciclo, trigésimo número que o grupo do Boletim prepara para publicação, encerramento das atividades" me causaram impacto; aí adiante conto porque. Mas aqui está, o fato anunciado aconteceu.

Queria escrever há mais tempo, mas talvez porque a tarefa fosse importante, as idéias não vinham e sobretudo desejava poder colocar para vocês algo muito especial. O tempo foi passando e nada... Então, decidi escrever simplesmente.

Vocês fazem parte da História deste Departamento e como toda História, tem histórias, vou contar uma pequenina - aqui vai o porque do sobressalto inicial.

Eu achava que o Boletim era mágico. Mais dia, menos dia ele aparecia lá em casa todo prontinho. Com sofreguidão lia tudo.

Me inteirava do que acontecia e do que iria suceder no Departamento. O editorial, as questões dos "setores", notícias da Comissão Coordenadora Geral. Enfim, o conhecido e reconhecido.

Um dia levei um escorregão e acordei. Não o Boletim não é mágico.

É feito com muito esmero e cuidado, com dedicação e competência.

Aqui acaba esta historinha, e vou continuar...

Agradecendo, não sei se saberei pois é uma arte; O agradecimento é como um delicado e sensível fio de seda, mas foi o Boletim que deu a oportunidade e o acolhimento ao receber e publicar algumas notas minhas.

Escrever e ver publicado estão circularmente representados em cada palavra registrada; é aí que as questões do pertencer se aclaram. É uma finalização mas uma possível continuidade.

Zélia Temin

CARTA III

Era uma vez...

Novembro de 1985

Sai o primeiro número do "Jornal" - órgão informativo do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

No Editorial, um desejo: manter em comunicação os integrantes dos diferentes setores do Departamento e deixar informados os que não estão vinculados a ele.

Nos Planos do Setor de Publicações, a organização de uma biblioteca específica e a publicação de uma revista.

Pediam-se sugestões quanto à forma e conteúdo do Jornal e da Revista e, instituiu-se um concurso para a escolha do nome do jornal.

Era o ano de implantação do

Departamento. As informações contidas em duas páginas faziam chamados para a participação de todos.

Dezembro de 1985

Sai o segundo número, já com quatro páginas. No Editorial, o assinalamento da reação ao conteúdo do número anterior (número zero). Em questão a Autonomia dos setores - até hoje presente em nossas discussões - e a necessidade de um regulamento interno.

Na primeira página a homenagem a Regina Schneiderman - por muito tempo porta voz do sonho de abertura deste Departamento.

Junho de 1986

Sai o número 2 - seis páginas. Lendo-se o Editorial pressupõe-se que a demora na apresentação deste número é um dos efeitos da discussão sobre a Autonomia. Propõe-se que o Editorial seja feito pelo Setor de Publicações e por mais três representantes da Comissão Coordenadora Geral.

Entre os informes das atividades, a aula inaugural do Curso. Nela, Márcia Arantes, faz um histórico breve do Sedes, do Curso, do Departamento e dá as boas-vindas aos que chegam.

Outubro de 1986

No Editorial do número três, uma inquietação: "Afim! o que é este jornal?" Porta-voz do Departamento, foi a resposta. "De qualquer forma está vivo e até que cresceu e se ampliou!"

Julho de 1990

Sai o primeiro Boletim - "instrumento de comunicação e informação fundamentais para a vida, fortalecimento e expansão do Departamento".

Mudaram a apresentação, a diagramação, o conteúdo. O Boletim ganhou forma e presença como publicação interna.

Dezembro de 1990

A inquietação anterior retorna: "O que é o Boletim?" Porta-voz? Ombudsman? Setor de Publicações? Sub-setor? Autônomo?

Ao final do Editorial, uma afirmação: "A cara do Boletim deve ser a cara do Departamento - com suas tendências, descobertas, buracos, ritmo, diferentes momentos, constituição".

E assim tem sido. Se folhearmos os diferentes números de Boletim, podemos reconstruir a história deste Departamento. Informes dos setores, artigos encaminhados pelos membros, apresentação de teses de mestrado, divulgação de eventos de dentro e de fora do Departamento, entrevistas, crônicas...

Um Retrato silencioso e contínuo do Departamento. É assim com os retratos; não precisamos folheá-los sempre. Sabemos onde estão e sabemos que sempre nos devolverão um pedaço de nossa história quando quisermos encontrá-la.

Do "grupo" que elabora o Boletim tenho uma impressão semelhante. Não andam "às turras" querendo garantir sua existência. Sabemos onde encontrá-lo; trabalham e produzem. Acostumamo-nos a esperar o próximo número.

"A cada número um se responsabiliza mais que os outros e, assim, ninguém fica sobrecarregado". Isso me contou a Eva. Em seu jeito de falar uma descoberta - há prazer e divertimento nesse trabalho.

Henriette me convidou para escrever algo para este número comemorativo. Fiquei honrada. Senti no pedido um gesto amoroso. Para mim, o Boletim além de ser um espaço informativo, de troca entre os membros do Departamento, é, também, um espaço aberto para a espontaneidade e a criatividade de cada um.

É só se aproximar que o lugar está lá.

M.Laurinda R. Souza

COORDENAÇÃO DE ÁREAS

O Boletim convidou os coordenadores de área, eleitos na última assembléia, para encaminharem textos, com o objetivo de informar os membros à respeito de suas atividades. Esse é o material produzido até novembro de 1999.

ÁREA DE RELAÇÕES INTERNAS

Participantes das reuniões de trabalho realizadas em 25/10 e 23/11: Eva Wongtschowski, Lilian Quintão, Mania Dweik, Maria Cristina Ocariz, Maria de Fátima Vicente, Maria Antonieta Whately, Maria Aparecida Aidar, Marilúcia Meirelles Alencar, Zelia Temin. A próxima reunião está marcada para dia 14.12.99, às 21 horas, no Sedes.

O objetivo desta área de trabalho é o de pensar as relações entre o departamento e a instituição Sedes Sapientiae e as relações entre as diferentes áreas do departamento. Com esta intenção é que este grupo foi formado, tentando incorporar colegas que estão em diferentes lugares no departamento, possibilitando um intercâmbio de informações. Na primeira reunião realizada, tentamos conhecer, através de informes e depoimentos, as diferentes preocupações que permeiam o departamento, sobretudo em relação à sua organização e sua inserção no Sedes.

Dentro desta ótica consultamos o documento elaborado pelo Sedes, sobre sua organização, e de saída fomos constatando duas questões:

A estrutura do departamento, embora bem vinda é uma estrutura ainda em absorção pela instituição, já que a coluna principal dos Sedes, são os cursos. A organização dos departamentos, foi se consolidando depois da dos cursos. Os membros do departamento pagam suas mensalidades para os respectivos departamentos e os alunos pagam diretamente para o Sedes. Assim os professores dos cursos são remunerados pela instituição e com ela têm vínculos empregatícios. O trabalho dentro dos departamentos, é voluntário, na sua quase totalidade.

Os departamentos, dentro do Sedes, são 8 e os cursos em funciona-

mento são em número de 30 – especializações – e 15 de expansão, atendendo aproximadamente a um mil alunos. Há ao todo 210 professores, 357 terapeutas (na Clínica) e o número de funcionários administrativos é de 40.

Bem, porque nos preocupamos com tudo isto? Por alguns bons motivos, Primeiro: os departamentos têm diferentes composições. O nosso departamento tem cerca de 206 integrantes, (conforme o documento de referência) e os demais variam de 12 a 115 membros, somando juntos 369 membros. Logo, a organização dos departamentos em núcleo, tem ainda um bom percurso a fazer, para ser absorvida pelo Sedes. A outra questão diz respeito ao fato de o Sedes ser uma instituição híbrida. Isto é uma instituição exclusivamente acadêmica, de formação e clínica e nem uma instituição política e exclusivamente de educação popular, embora tenha dois centros de educação popular voltados para a formação de lideranças rurais e urbanas e para a assessoria político pedagógica a núcleos populares de alfabetização. Então, vamos percebendo que muitas das questões que nós vivemos dentro do departamento, como a clareza dos lugares que ocupamos, o reconhecimento pela instituição e entre nós próprios, é atravessado por questões singulares e também institucionais. Sobretudo é marcado pelas condições históricas do Sedes, que foram constituintes de uma característica de renovação, de resistência política, determinantes para que muitos se aproximassem do Sedes, e hoje se apresentam às vezes, complexas, para quem tem dificuldade em lidar com a diversidade e com as diferenças. Ora, se somos psicanalistas e se estamos comprometidos com o nosso tempo e com a história, se pensamos a psicanálise a transmissão e o reconhecimento, como inseridos num tempo e do tempo, vamos percebendo que pensar o departamento não é só pensar em organizá-lo melhor mas é também situá-lo dentro do Sedes e fazer o Sedes aprimorar-se em sua relação com os departamentos. Dentro das questões específicas, no departamento, uma delas, senão a maior, é a

do reconhecimento. O tamanho desta questão cresce, à medida em que cresce o departamento, passa o tempo, e mais tempo foi o investido na sua construção... Como resolver esta questão? O reconhecimento também está mergulhado no mar da psicanálise ao final do milênio, este mar circunda terras em reacomodação. O panorama político mundial, a queda das fronteiras de comunicação, a velocidade permitida pelas redes virtuais de comunicação nos instigam a nos renovar, a melhorar as comunicações não virtuais (as pessoais) e a pensar que vale a pena tentar... (afinal a alma não é pequena...)

Sentimos, em conversas feitas, que o departamento precisa de uma identidade grupal para que possa se representar, e que esta identidade ainda é fragmentária. Queremos uma identidade grupal unificada? Por consenso? Por maiorias ou contemplando sempre, as diferenças? O que fazer com a repressão às singularidades? Como pode um psicanalista lidar com restrições e sobretudo com restrições de um grupo e institucionais?

Bem estas são questões que estamos pensando... Vamos também pensar em formas de melhor organização do departamento que possam ser compatíveis com "tantas perguntas e tantas dividas"!

Para terminar, vou contar uma idéia de Monique Schneider, que aproveitei, já algumas vezes, que é a idéia de pensar a constituição psíquica como um pontilhado, onde os pontinhos se ampliam e ora se aproximam, aglutinando-se sem perder no conjunto, sua identidade. Podem ser agrupados e reagrupados sem se fragmentar, pois como um quadro pontilhista, de longe são um todo, de pertinho, pontos e pinceladas singulares.

Podemos transpor a metáfora para uma constituição grupal?

Estas são algumas das questões que nos permearam, em grupo, e que surgiram de algumas conversas, com diferentes membros do nosso departamento. Vamos ver se até março, podemos avançar em propostas...

Uma informação:

- Também está referida à área de

relações internas a comissão de admissão. O novo colegiado foi eleito em 2.10.99 em assembleia geral extraordinária, e ficou constituído, no momento por 11 integrantes. Os demais (8), deverão ser eleitos na assembleia que for convocada no ano que vem. A nova equipe já se reuniu, no dia 23 de novembro, e deverá dar continuidade aos trabalhos de admissão, que já lhe foram confiados pela comissão anterior. Os integrantes deste colegiado são: Ana Lúcia Panachão, Ana Maria Leal, Cláudia Justi Monti, Flávio Carvalho Ferraz, Maria Antonieta Whately, Maria Beatriz Costa Carvalho, Maria de Fátima Milinzky, Marly Ciriaco Viana, Renata Caiaffa, Tera Leopoldi, Yone Maria Rafaeli.

Maria Auxiliadora Arantes

2.ÁREA DE GRUPO DE ESTUDOS

—A Área Grupos de Estudos reúne-se desde Agosto, conforme decisão da Assembleia de 26 de Junho de 1999, a fim de constituir um grupo para trabalhar as linhas políticas de ação nesse campo.

De acordo com o nosso plano de definir o que os agrupamentos incluídos na área (Seminários Livres, Setor Grupo de Estudos, Grupo Espaço de Trabalho, Núcleo de Psicanálise e Complexidade em constituição) devem ter em comum para serem grupos do Departamento, passamos a escutar o modo de funcionamento de cada um, começando pelo Seminário "O Feminino no Imaginário Cultural Contemporâneo" e o Núcleo de Psicanálise e Complexidade.

A partir disto, destacamos os seguintes pontos principais da nossa discussão:

1. a importância ou não da criação de um "fundo de reserva", quer dizer, uma provisão de capital específica pelos próprios membros desses grupos, para atender suas necessidades.

2. a possibilidade de criação de um "setor" ou grupo, composto por um membro ou o coordenador de cada Seminário, com a função de agregar e administrar os modos de funcionamen-

to destas atividades.

Estes dois pontos trazem a preocupação de se pensar uma política de normatização que respeite a autonomia dos grupos e seja condizente com a inserção institucional.

3. a possibilidade de que a remuneração dos coordenadores dos Seminários se realize pelo Departamento.

Esta proposta traz como questão a necessidade de se repensar os direitos que o dever do pagamento de nossa anuidade proporciona aos membros, assim como, os critérios que norciam a distribuição dos recursos financeiros obtidos pelo Departamento. Outra questão que surge deste ponto é a que se refere ao procedimento para a formação de novos grupos de Seminários, uma vez que, atrelados ao fundo comum do Departamento haveria um limite de recursos que demandaria um processo a cumprir para a sua criação.

No tocante ao surgimento de novos espaços de trabalho para os membros, observou-se, nesta reunião, duas linhas políticas distintas:

4. Uma que defende a idéia de que deveria ser privilegiado o fortalecimento dos agrupamentos já existentes, ou seja, toda proposta nova de agrupamento poderia ser primeiro pensada enquanto somatória ao já em funcionamento.

2. Outra que advoga a favor da necessidade de se considerar que as novas propostas apresentam singularidades que não se vêem contempladas nos modelos adotados em espaços já existentes e por isso devem se delinear num espaço próprio.

Em nossa última reunião, contamos com a colaboração de um maior número de colegas e agregaram-se à área: Aline Gurfinkel, Beatriz Mecozzi, Patrícia Nasri Madi e Ismênia de Carmargo.

Reiteramos que toda colaboração será bem-vinda.

Sugestões ou idéias poderão nos ser enviadas via e-mail ou por telefone para tal são os seguintes:

Ana Cristina Lopégolo T res.: 265-2882
sercri@uol.com.br

Daisy Lino T res.: 3666-1206

daisylin@uol.com.br

Izabel Rios T cons.: 826-1409

izabelrios@uol.com.br

Lilian Foguça T cons.: 280-1159

lufogusa@prestonet.com.br

—3.ÁREA DE PUBLICAÇÕES—

A estratégia fundamental adotada pela área de publicações para fomentar a discussão e as possíveis políticas dentro deste campo tem sido a de promover encontros e conversas com os diversos setores e grupos de trabalho do Departamento, tendo como foco as publicações atuais e os anseios por novos veículos.

Até agora, pudemos realizar três encontros: com os setores de Publicações e Grupo de Estudos e com o Grupo Espaço de Trabalho. Os contatos que fizemos junto ao grupo de professores e dos membros do Boletim (que tiveram sua participação no encontro geral de Publicações, mas que, pelo caminho desenvolvido e pelo dilema atual, aportariam informações importantes) ainda não renderam os encontros desejados.

Tivemos, até então, bons contatos, que nos permitiram, aos poucos, realizar um primeiro "diagnóstico" das publicações atuais do Departamento — Percurso e Boletim —, bem como afeirar o desejo pela implantação de novas publicações que veiculariam os trabalhos singulares dos diferentes grupos.

Estes encontros nos permitiram, concomitantemente, pelo fato de ocuparmos também um lugar no Conselho Editorial de Percurso, informar e discutir a política editorial de nossa revista, procurando objetivar seus critérios e, desta forma, permitir que ela possa se tomar um veículo efetivo de publicação para os membros do De-

partamento.

Neste primeiro momento, é possível apontar para o desejo de ampliar o número de publicações dentro do Departamento.

As sugestões colhidas nesta direção são:

- A produção de um Caderno do Grupo Espaço de Trabalho, de circulação interna, que traria a transcrição das apresentações teórico-clínicas e dos debates que lhe sucederam na programação das *Inquirições da Clínica Cotidiana*. Este material está praticamente todo gravado, à espera de transcrição e trabalho editorial para que possa ser veiculado. O Grupo Espaço de Trabalho quer realizar este Caderno e pede que a Área de Publicações facilite o empreendimento, dando suporte técnico.

- A produção de um caderno de monografias dos alunos do curso, de forma que esta produção possa ter uma maior circulação e visibilidade.

- A produção de um Caderno de Pesquisas que veicularia uma boa síntese dos trabalhos de fôlego que têm sido produzidos pelos membros do Departamento. Este caderno veicularia trabalhos mais extensos do que aqueles que podem ser publicados na Revista e no Boletim.

- Foi ainda sugerido que a Área de Publicações pudesse também produzir um selo editorial que publicaria livros dos eventos do Departamento, coletâneas e trabalhos de seus membros.

É necessário, no entanto, apontar que, ao mesmo tempo em que se pede por uma multiplicação de veículos, teme-se que todo este material não possa ser lido e utilizado de maneira apropriada.

Assim, de maneira geral, os membros do Departamento parecem desejar outros canais alternativos para dar visibilidade para suas produções. Este fato parece indicar que os meios a nossa disposição não são suficientes para dar conta de nossos anseios, mas, por outro lado, nos leva também a pensar – levando-se em conta o fato de que o Grupo do *Boletim* não tem continuadores e de que a *Revista Per-*

curso não tem recebido um número expressivo de artigos dos membros do Departamento – que os membros do Departamento não utilizam o potencial dos veículos de publicação que têm a seu dispor.

Esta dupla conclusão – da necessidade de publicações específicas e de que as atuais não são um canal bem utilizado – foi explicitada durante os encontros que tivemos.

Apesar da percepção da importância de uma publicação como o *Boletim*, que permitiria a circulação das informações relativas ao trabalho desenvolvido nos diferentes grupos, ouvimos apenas lóstimas por seu fim prematuro. É verdade que também existiram sugestões quanto a uma possível alteração em sua forma atual, mas seu papel estratégico dentro do Departamento não parece atrair interessados que possam, ao menos neste momento, lhe garantir uma continuidade.

Quanto à *Revista Percurso*, ela tem seu lugar, na aparência, preservado. Sua excelência é grifada por todos. *Percurso* surge como um veículo que porta a face do Departamento para fora. Mas, é em relação ao seu vínculo com os membros do Departamento que a revista parece padecer. Seu grau de excelência funciona como um afastamento, senão impedimento, para que a grande maioria dos membros do Departamento possa utilizá-la como veículo de seus trabalhos. Uma revista científica, indexada, que não trata de qualquer assunto e que utiliza critérios rígidos, dificilmente alcançáveis, configura a cara da revista no âmbito interno ao Departamento. Neste sentido, se *Percurso* pode atender aos anseios de seus membros quanto ao que somos para fora, não consegue encontrar parcerias junto ao trabalho desenvolvido em outros setores. Parece haver, assim, um desencontro entre a suposta valorização da revista e seu real papel enquanto uma publicação dos membros do Departamento.

Estas são as primeiras percepções que temos neste nosso lugar de articuladoras da Área de Publicações. Surge, com força, a ideia da necessidade de uma multiplicação dos veículos, de forma a que cada setor possa dar visibilidade aos seus trabalhos. O

que parece ser difícil, neste momento, é que as diferentes produções possam ser veiculadas por uma mesma publicação. O *Boletim*, que teria explicitamente esta tarefa, está falido; um espaço que seria de todos parece ser, no final das contas, de ninguém. A *Revista Percurso* parece ocupar um espaço que não diz respeito ao trabalho efetivamente realizado dentro do Departamento, serve bem para consumo externo.

Enfim, se é necessária a produção de uma nova série de publicações, com público e objetivos diversos e que não podem ser contemplados pelas publicações existentes, é também verdade que as publicações atuais de nosso Departamento não parecem estar sendo aproveitadas em todo o seu potencial.

Esta conclusão parece apontar, mais uma vez, para o que reiteradamente temos observado neste Departamento: o desejo de produzir mais, junto a uma espécie de "guetificação", um encastelamento que faz com que o anseio por uma organicidade departamental seja muito difícil de ser implementado. Os trabalhos em pequenos grupos são, de acordo com os relatos, gratificantes, mas há uma listima generalizada da falta de reconhecimento por parte de outros grupos e setores. Este quadro parece contribuir para que possamos entender o esvaziamento do grupo do *Boletim* e o descompasso existente em relação à *Revista Percurso* que, se é reconhecida e valorizada, não parece se configurar como uma revista do Departamento e sim como de uma de suas parcelas.

Esperamos que esta nossa iniciativa possa ser de auxílio para diminuir os descompassos existentes entre os diversos grupos do Departamento.

Continuaremos nosso trabalho, procurando articular novos encontros com os outros setores. Estamos, também, a disposição pelo e-mail kononi@netway.com.br e pelo telefone 285-4579, para sugestões e debates.

Noemi Moritz Kon (Noni) e
Miriam Chnaiderman
(articuladoras)

D. ÁREA DE EVENTOS

Este pequeno texto tem como objetivo fazer circular o trabalho que vem sendo realizado pela Área Eventos, nestes meses preparatórios que antecedem a Assembléia que será realizada em março ou abril de 2000. Todo nosso trabalho vem no sentido de propiciar um redimensionamento das diretrizes que irão reger esta Área do Departamento, fundamentalmente, de acordo com as necessidades e expectativas de seus membros.

Inicialmente, a articuladora realizou entrevistas com membros do extinto Setor de Eventos. Na seqüência, constituiu-se um grupo de trabalho que procedeu a uma primeira pesquisa junto a todos os membros do Departamento com o objetivo de levantar as necessidades e expectativas que os mesmos têm em relação a esta Área. O retorno desta primeira pesquisa foi de aproximadamente 15%. Verificou-se, num primeiro mapeamento, que algumas das principais necessidades e expectativas dizem respeito a:

1. Eventos que, com a qualidade de introduzir o novo, promovam a troca plural, transmissão, ampliação de idéias entre pares, entre instituições e entre diferentes áreas do saber e da cultura;

2. Quanto a sua formatação, tais eventos podem ser periódicos, ou seja, dentro das atividades regulares, não-periódicos, ou seja, fora das atividades regulares, abertos para o público em geral ou somente para os membros do Departamento. Podem, também, ser de pequeno ou grande porte;

3. Os eventos devem promover também maior visibilidade do Departamento, uma vez que uma das principais vocações desta Área seria a de representar sua face externa;

4. Quanto ao que se refere a função interna da Área Eventos, encontrou-se pedidos que vão desde eventos intra-departamento de grande porte, até eventos de pequeno porte, tais como seminários clínicos e supervisões, sempre com o intuito de possibilitar a troca e o fortalecimento

internos;

5. No que diz respeito a política que deverá reger esta Área, constatou-se que as necessidades e expectativas dos membros do Departamento são diversas. Nesse sentido, torna-se importante explicitá-las e fazê-las circular para que possamos, num futuro próximo, delinear tal política de forma correspondente. Assim, as necessidades e expectativas dos membros dizem respeito a:

6. Ampliação de conhecimento teórico-clínico dos membros, aliada a uma vitalização da relação entre os mesmos;

7. Troca e exposição da produção dos membros;

8. Necessidade de trazer a discussão clínica para dentro do Departamento, por meio de grupos de supervisões;

9. A ampliação das relações internas, entre setores ou grupos do Departamento;

10. Discussão e conhecimento de temas e questões atuais que estejam atravessando o amplo campo psicanalítico, assim como o conhecimento de autores nacionais e estrangeiros cujo trabalho seja instigante;

11. Troca inter-institucionais por meio da realização de eventos em co-parceria com outras instituições como centros de psicanálise, universidades etc.;

12. Dar a oportunidade para que seus membros desenvolvam seus projetos de eventos;

13. Propiciar espaços de cumplicidade e troca que não se restrinjam ao estudo psicanalítico *strictu sensu*.

Nesse sentido, espera-se que a Área Eventos venha a ser uma das articuladoras e condutoras de uma política transparente e democrática deste Departamento, trabalhando em estreita relação com seus diferentes setores, áreas ou grupos de trabalho. Em consonância com estas demandas, estaremos encaminhado, em breve, um segundo questionário elaborado a partir das diferentes respostas/idéias sugeridas pelos próprios membros no primeiro questionário, visando circunscrever mais detalhadamente as

expectativas dos mesmos em relação a política para a Área Eventos/departamental para o próximo biênio (2000-2001).

Catalina Pagés Tel: 3667-7237

Giovanna Bartucci

(Articuladora) Tel: 852-5420

Lilian C. R. Quintão Tel: 212-9165

Mara Sarti Tel: 577-5151

E. ÁREA DE CURSOS CLÍNICAS

Nosso objetivo é mapear e propor políticas de funcionamento para os cursos do Departamento, e sua relação com a clínica do Instituto.

Há dois termos que têm orientado nossas discussões: autonomia e articulação, isto é, como pensar os cursos em suas especificidades (a quem se destinam, quais seus objetivos, qual sua forma de trabalho) e quais parcerias possíveis:

- Entre cursos: pensamos ser fundamental essa comunicação, em que cada curso saiba do outro e que isso seja transparente para o Departamento.

Pensar cada curso é, também, problematizar questões concernentes à Psicanálise, como formação e transmissão; questões tais como demandas existentes no mercado, qual nossa política para a abertura de novos cursos, qual a diferença entre um curso e um grupo de trabalho (por exemplo, grupo de estudo, grupo de discussão, seminário avulso).

- Parceria com a clínica: a partir do articulador que é a Clínica (prática da Psicanálise), temos pensado nas parcerias possíveis com a clínica do Instituto. Como podemos contribuir, problematizar, trabalhar em conjunto na formação de nossos alunos.

Há dois pontos de partida claros: primeiro, que nossos cursos não estão estruturados de forma que seja imprescindível o atendimento na clínica do Instituto; segundo, que entrar nos cursos não significa a entrada au-

tomática na clínica esta deve ter seus instituintes próprios (nesse sentido, é fundamental discriminar a clínica institucional do consultório particular).

Há também questões: como contribuir para pensar a função do estagiário e do terapeuta aluno, a supervisão dos atendimentos feitos por nossos alunos na clínica (somos ou não comprometidos com isso?); é desejável que os alunos dos Cursos de Aperfeiçoamento atendam na clínica?

Tais questões estão em discussão tanto no âmbito do Departamento, neste grupo de trabalho, quanto na clínica, nas reuniões do Centro Clínico e Equipes Clínicas.

A medida que fomos levantando

os temas e problematizando, ficou evidente a conexão entre os pontos e a complexidade dessas articulações, o que nos levou a trabalhar em reuniões temáticas, como segue:

- Cursos de Aperfeiçoamento

- Curso de Especialização

História da Clínica do Departamento

- Políticas de Articulação entre Cursos e Clínica

Agora é necessário organizar uma agenda de trabalho para o começo do ano 2000.

Nossas reuniões são abertas a todos os membros do Departamento - enviamos mala direta com as datas e emas agendados. As pessoas que têm participado (de forma freqüente ou pontual) são todas oriundas dos cur-

tos e ou da clínica: Cida Aida (articuladora), Renata Caiafa, Maria Beatriz C. Carvalho, Heidi Tabacof, Mara Caffé, Lúcia Fuks, Angela Santa Cruz, Ana Maria Sigal, Roberta Bertone, Cristiane Sammarone, Maria Auxiliadora Arantes, Cleusa Pavan, Fátima Vicente e Maria Sílvia Bolguese (membro do departamento, de 1989 a 1993; pedidos de readmissão em 1997 e 1999).

Os encontros têm sido muito produtivos nas problematizações e em algumas direções e encaminhamentos a seguir. Ainda temos muito trabalho pela frente. Por enquanto, é isso.

Área de cursos-clínicas

REPORTAGEM I

SETOR GRUPO DE ESTUDOS E A PSICANÁLISE NO SÉCULO XXI

DIVULGAÇÃO DO LIVRO "FREUD: UM CICLO DE LEITURAS"

Buscando promover o intercâmbio e abrindo espaços de interlocução, o Setor Grupo de Estudos propôs ao Setor Curso participar do evento "Psicanálise no Século XXI" na cidade de Fortaleza.

Esse evento se compôs de duas conferências e da divulgação do livro do Departamento - "Freud: Um ciclo de leituras", em parceria com a **Escola e Clínica Psicanalítica do Ceará (ECPC)**.

A clínica psicanalítica contemporânea, a crise pós industrial, as questões da pós modernidade tornaram-se tema de estudo para o **Setor Grupo de Estudos** que constituiu um grupo que vem pesquisando e discutindo o assunto. Como representante desse grupo foi indicada Fátima Milnitsky, coordenadora do primeiro módulo do Curso de Formação em Psicanálise pelo **Setor** na **ECPC**, para compor a mesa de conferencistas junto com o colega Mário Fuks, representando os autores do livro.

O evento aconteceu no salão Iracema do Metropolitan Residence, dia

10 de Setembro, sob os auspícios de Regina Stelin, coordenadora da **ECPC** e do grupo de formação em Psicanálise desta instituição. Contou com o apoio da Livraria Tradição e Cultura, que vendeu todos os exemplares enviados pela editora Escuta.

Mário Fuks falou sobre "Subjetividade e as Patologias de fim de Século" e Fátima Milnitsky sobre "A Ética da Psicanálise". As intervenções da platéia, aliás numerosa, permitiram um debate intenso e profícuo. Após o debate Mário e Lucia Fuks atenderam aos pedidos de autógrafa do livro.

A experiência foi enriquecedora para os vínculos intra e inter-institucionais, vitalizando o projeto do **Setor Grupo de Estudos** de formação permanente e da política de cooperação e reconhecimento entre os colegas do Departamento.

Aproveitando o ensejo, o **Setor Grupo de Estudos** apresenta abaixo as elaborações feitas a partir das reavaliações do seu funcionamento interno.

É manifesta o seu profundo agradecimento àqueles que durante todos esses anos fizeram do Boletim um importante veículo de comunicação que

tem registrado nossa história.

DO FUNCIONAMENTO SETOR GRUPO DE ESTUDOS

1. INTRODUÇÃO

Considerando que a formação de um analista é permanente, requerendo constante trabalho de ampliação de conhecimento seja dentro do campo psicanalítico, seja em intercâmbio com áreas afins, o **Setor Grupo de Estudos** foi constituído por membros do **Departamento de Psicanálise** do Instituto Sedes Sapientiae, interessados em criar um espaço de interlocução e de reconhecimento entre pares em seu desenvolvimento teórico e prática clínica, visando, também, a transmissão e divulgação da Psicanálise.

O **Setor** surgiu nos idos de 1985 sendo regulamentado em 1991 com três modalidades básicas de agrupamentos de trabalho: grupos internos com Coordenador; grupos internos autogeridos e grupos externos.

Ao longo desse tempo passou por um permanente processo de desenvolvimento e intenso trabalho de elaborações internas quanto as suas

atividades.

A partir de 1996 entendeu-se, conjuntamente com a CCG, que as modalidades de grupos internos com Coordenador e grupos autogeridos não mais seriam atividades exclusivas do *Setor*. Atualmente, então, o *Setor Grupo de Estudos* conduz projetos de formação a grupos externos em localidades fora da cidade de São Paulo, estando no momento com trabalhos em Barretos (SP); Fortaleza (CE) e Uberaba (MG).

2. OBJETIVOS

O *Setor Grupo de Estudos* mantém-se com os mesmos objetivos iniciais, ou seja, de constituir-se em espaço coletivo de elaboração, produção científica, transmissão e divulgação do pensamento psicanalítico. Para tanto se propõe a:

a) atender a pedidos de entidades ou agrupamentos externos ao Depto. para a formação de grupos de estudos e/ou cursos de Psicanálise;

b) atender a necessidade de desenvolvimento teórico de seus membros, decorrentes das questões surgidas na prática clínica e em temas de interesse geral da psicanálise;

c) atender a necessidade de ampliação teórica específica, advinda de questões originadas em outros setores ou agrupamentos.

3. DO FUNCIONAMENTO

As atividades do *Setor* seguem um padrão de funcionamento que foi sendo construído ao longo da experiência conjunta de seus membros.

Uma vez que cada localidade tem características específicas, o que torna suas necessidades únicas no que diz respeito aos projetos de estudos, é necessário um acompanhamento mais *par i passu* de cada projeto. Para tanto, isso é realizado através do que se nomeia "Grupos de Retaguarda" que têm sob sua responsabilidade, juntamente com o Coordenador do Grupo da localidade, a discussão dos temas, da bibliografia e do conjunto da problemática atinente ao referido grupo.

No âmbito das relações com as instituições das localidades, existe a

figura de um Coordenador Interinstitucional que tem por função cuidar dos contatos e do detalhamento dos projetos e de sua execução.

O funcionamento básico do *Setor* está assentado nos seguintes princípios:

1. Possibilidade de circulação dos lugares de representação, tanto no Depto. quanto fora deste, entre seus pares.

2. Que a transmissão do pensamento psicanalítico, nos atendimentos aos grupos externos ao Depto., tenha como linha diretiva os textos freudianos;

3. Ao conjunto do *Setor* cabe, uma vez escolhido seu representante para qualquer função interna ou externa ao Depto., lhe dar a sustentação necessária ao seu desempenho e ao desenvolvimento do trabalho;

4. É dever de todos os seus membros manter sua participação:

- na reunião geral, que se dá uma vez por semana,

- na reunião em um grupo de retaguarda, quinzenalmente ou conforme necessidade,

- nos trabalhos gerais.

Em tempo, a representação aqui citada, trata-se de representação político - institucional e principalmente, representação nas funções de coordenação da transmissão e supervisão psicanalíticas.

4. CRITÉRIOS PARA O FUNCIONAMENTO

1. Para as representações político - institucional (Depto.):

a) elaborar a descrição da função de representação em sua especificidade;

b) proceder, a partir desta descrição, a nomeação dos candidatos e/ou indicados para a representação em questão;

c) buscar uma escollia dentre os potenciais candidatos que faça operar seu princípio básico de funcionamento, ou seja, a circulação dos lugares.

2. Para as representações exter-

nas (coordenação de seminários; coordenação interinstitucional, palestras, supervisões):

a) ter participado nos grupos de retaguarda no mínimo por um período de 02 coordenações diferentes,

b) ter um intervalo de, no mínimo, 06 meses entre uma coordenação realizada e a que venha a se candidatar,

c) em caso de vários candidatos para uma mesma coordenação, o grupo de retaguarda deverá se posicionar quanto aos diferentes candidatos, sendo de competência do *Setor* como um todo processar a escolha final, utilizando-se, para tanto, de critérios quanto as participações nas reuniões gerais e trabalhos gerais.

Ana Lúcia Panachão

Beatriz Mecozzi

Cleide Monteiro

Daisy Maria Ramos Lino

Leonor Ruffino

Maria de Fátima Milnitzky

Maria de Fátima Vicente

Marise Bartolozzi Bastos

Marli Ciriaco Vianna

Sandra Mara Grisi

Tera Leopoldi

Yone Maria Rafaeli

Maria Cristina Ocariz

Comunica seu novo endereço de consultório:

R: Rua Maranhão, 554 CJ 78

CEP: 01240-001

Tel: 9254-1879 - 3666-0871

E-Mail: cristinaocariz@uol.com.br

DAVID E NAIR, EXPERIMENTANDO UM ANALISTA E SUA MENINA PACIENTE

A clínica de David Calderoni começa a nos ensinar a viver a experiência psíquica de nossos pacientes, nos termos simbólicos próprios em que ela busca se apresentar e fazer-se em nós. Colocada, assim, em síntese, vislumbramos nela uma profunda, importante e longa tradição psicanalítica, desejada e encontrada historicamente por alguns, cada um a seu tempo, a seu modo, nos termos próprios de sua cultura, com os instrumentos de pensamento próprios à sua época.

No encontro de maio das Inquietações da Clínica Cotidiana, David nos lembra Merleau-Ponty (filósofo freqüentado por tantos analistas de interesse contemporâneo: de Isaías Melsolin a João Frayze-Pereira, pela nossa colega Noni...). O recurso a este autor comparece no esforço para pensar a operação originária do sentido psíquico, da instauração de potenciais lá onde teoricamente ainda não há discriminação, não há diferenciação entre eu e outro, - periclitante modalidade auto-erótica de vínculo com o objeto, vínculo conquistado ali onde falha a própria unificação narcísica, num campo de intensidades impensáveis...

Melhor que reproduzir as noções merleau-pontyanas utilizadas por David, importa antes perceber a quais exigências de seu trabalho clínico elas tentam responder, o que convoca o esforço tradutivo do meu próprio vocabulário: trata-se de um campo de problemas limite precipitado pela emergência do ser no próprio lugar fundante da facticidade de um corpo em seu vínculo indissolúvel com o objeto experienciado, nos termos próprios específicos de sua sensorialidade. Nesse espaço em que se tenta nomear o originário, pensa David (ou penso eu?), não precisaríamos operar esquemas teóricos referenciais de ordem posterior e racionalizada - ou melhor, externos ao fenômeno, e por vezes pesados demais para a natureza dos sentidos em jogo. Podemos nos

entregar ao uso do sujeito em emergência, que nos afeta e nos atravessa, e cujas afecções em nós fazem igualmente parte significativa do fenômeno, do sentido e da constituição subjetivante que se dá.

Tudo isto significa na clínica uma grande disponibilidade para as condições psíquicas da paciente que é desde sempre sujeito, um oferecimento permanente do analista com suas condições psíquicas e particularidades de corpo, humor e alma, para a experimentação ali onde a paciente brinca, ainda sem se preocupar com a emergência do outro.

Trata-se de um campo em que a imagem merleau-pontyana das mãos que se enlaçam é modelo da experiência psíquica que não separa sujeito de objeto, mas produz em si mesma, no paradoxo sensível que é, os próprios sentidos positivos, e que tenderiam, com o analista sabendo habitar e viver a modalidade de experiência objetual própria de sua paciente, e com o vértice do tempo fazendo seu trabalho e desdobrando o sentido simbólico da experiência, a produzir níveis cada vez mais amplos de discriminação e de entendimento do que é brincar, do que é fantasiar, do que é sonho, e do que é realidade compartilhada com o outro no mundo.

Analista e paciente vivem um no outro, um do outro, até a própria abertura do real se dar como elemento simbólico conquistado pela dupla, em desenvolvimento psíquico. Alguém poderia dizer, como foi dito naquela noite de quinta-feira: mas e a marca discriminadora, o significante da interdição, o não, delimitador que dispara a inclusão simbólica da castração? David nos deu vários exemplos de diferenciação, de discriminações e de reconhecimento da separação de sujeito e objeto, sempre operados no mais profundo interior do brincar, mas ao mesmo tempo mostrou que elas podem surgir tanto de um limite colocado na hora certa de forma clara pelo analista, quanto da própria expansão da experiência prazenteira, criativa, com uma lógica, um ritmo e um

humor todo especial, onde impera tal contaminação simbolicamente eficaz entre eu e mundo, eu e outro. E, de fato, durante a exposição todos rimos muito, e muito sonhamos, com o objeto David Nair, que experimentávamos, e usávamos também em alguma medida como sendo nós mesmos.

Para, apressadamente, comentar o que me parece estar em jogo em tal clínica da emergência do sentido psíquico no brincar de David, diria que o circuito da pulsão erótica que se completa faz viver, durante o tempo mesmo em que está se viabilizando e ganhando autonomia, um mundo de vivências e de sentidos que se dá no interior do uso pulsional do objeto: *mundos* míticos, mágicos, lúdicos que se criam e desaparecem em um segundo - como os primeiros Deuses de que nos lembra Cassirer - e que são os precursores, aquém do narcisismo, de toda possível simbolização posterior, quando se diferenciam eu e mundo.

Tal clínica do que é erótico/epifânico a um tempo, e não pode se destacar do objeto e da matéria sensível sobre a qual está operando, é imensamente contemporânea, e nos lembra os termos da simbolização referidos ao tempo em que o bebê cria a mãe, instaura o colorido particular da própria pulsão sexual, que então pode se enriquecer com as qualidades próprias do objeto, da realidade. Muitas correntes e tradições analíticas dos últimos trinta anos tentam comunicar e aprender a operar em tal mundo, e acho uma grande satisfação reconhecer entre nós um trabalho muito desenvolvido nesta dimensão de problemas humanos, desenvolvido de forma autêntica e pessoal por um colega.

David nos surpreendeu a todos de forma feliz ao apresentar tal matéria complexa de experiência e alma de analista e paciente em um GRUPO DE ESTUDOS / O QUE NOS MOVE?

Forma de elaboração e comunicação clínica nova, que ele chamou de Iluminuras Clínicas, uma forma de notação, diria Bion, que busca se ade-

REPORTAGEM 2

quar mais vitalmente aos problemas das sensorialidades e do conceito que surgem em tal mundo analítico.

Muito poderia ser dito sobre os termos teóricos de tais comunicações e movimentos no brincar da sessão – como na sessão em que vemos que o corpo fantasmático perigoso e des-

trutivo que esta menina temia ser já não é mais, e o brincar e a relação transferencial a lançam na captura erótica e expressiva de ansiedades psicóticas, vedadas anteriormente ao pensar, ao viver psíquico.

Mas certamente muito, muito mais, poderia ser dito sobre tudo isso.

Sobre o trabalho, o pensamento e a capacidade criativa do analista, entretanto, creio que devemos mesmo é nos deixar tocar, pelo que está mesmo tão próximo da poesia, do sagrado e do prazer de viver.

TALIS A. M. AB'SABEN

REPORTAGEM 3

UM ENCONTRO COM
DAVID CALDERONI

"VIACÃO" – Complexo de caminhos. Condensação de elementos e condições do deslocamento.

"Estava tão assim

a esmo ainda

vestido de mim mesmo"

"Onde estive e estarei e

onde estou

muita rua e tempo passou

transcunte atravesso e me vou

Detalhes das viagens não darei"

"O que sou eu?

O que tu és?

O que me dizes que eu seja?"

"Nem todas as respostas cabem num adulto"

O espaço é o Sodes. No palco vários analistas. No ar uma certa tensão. Às vezes, própria deste tipo de atividade, outras, com um certo grau de intensidade nem sempre mensurável. Nesse clima é inevitável que surjam certos objetos brancos esfumaçantes em resposta a uma força pulsional que pede descarga. É, então, que se tenta burlar o pedido de David para "não fumar" e se brinca com ele de esconde-esconde ou de mandrake. Este é só um detalhe; uma das facetas de nossa convivência.

Há outras. A descoberta do prazer encantador que ele tem com as palavras, com a construção de trocadilhos, de entonações, de demanda de

precisões: "O que foi mesmo que você disse?" "Você pensa isso?" "Ah! Interessante".

Sua apresentação de um caso clínico no Espaço de Trabalho foi uma feliz surpresa. Descoberta de um estilo de trabalho analítico muito atento aos gestos, às entonações, às brincadeiras infantis.

Mudança de cenário. O palco é no Centro Cultural. No centro David, ou, David e a música, ou, David e os amigos. O clima é de expectativa.

Na escuta dos versos amorosos de *Lembrança da Tia* (música inédita apresentada no show), logo vemos que ela tinha razão quando, brincando de "Hortolino troca-letas", o chamava de Chico Duarte fazendo um trocadilho com Chico Buarque. Não é que esse menino sabe compor e cantar?

N'A Marcha de Moisés, uma singela homenagem ao pai, nas letras em diferentes idiomas que ele cantava junto com a família. Era, como disse David, uma forma de falar dos lugares por onde andou. A tradição das letras e a forma do canto demarcam uma origem e a origem lhe interessa enquanto criação. Nos entrecantos, outro pai sobe ao palco. Renato, emocionado, canta para seu filho que, embalado, dorme no colo da mãe, na platéia.

Tantas vezes discutimos a questão do reconhecimento. A clínica me ensinou que ele nada mais é que a possibilidade de legitimar os desejos. A vida institucional me mostrou

que eles podem ser partilhados. A experiência da vida, que eles são muito diversificados. Nestes complexos caminhos é sempre fundamental a circulação – condensação de elementos e condições de deslocamento. Viajar, conhecer outras paisagens, ter novos encontros, criar.

Por tudo isso, este texto é ao final um convite para que cada um, através do CD "VIACÃO" faça seu próprio encontro e encanto com as múltiplas facetas de David Calderoni – psicanalista, poeta, músico, artifice de palavras tocantadas, amigo.

M.Laurinda R. Souza

NOTA

"ENCONTRO CLÍNICO DE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS"

"Encontros Clínicos" é um novo espaço criado por colegas, que pela demanda de sua própria clínica, se vêm na necessidade de abordar as dificuldades que a modernidade aporta tanto à estruturação da subjetividade quanto à formação de novas patologias na infância.

Nossa ideia é acompanhar a produção anual, através de publicações de revistas, livros e textos de autores contemporâneos que dêem continuidade ao pensamento freudiano, assim como discutir casos e repensar questões da prática que a singularidade desta clínica nos propõe.

REPORTAGEM 3

Comunicamos os colegas membros do Departamento e ex-alunos que o grupo está iniciando seus trabalhos com 10 participantes no momento e terá um número limitado de 15 pessoas. Convidamos Ana Maria Sigal para coordenar este espaço, que está pensado como um grupo de trabalho e não como um seminário, portanto não será pago.

Estamos nos reunindo no horário das quintas feiras das 14h às 10,30hs, com frequência quinzenal, iniciando no mês de setembro. Quem estiver interessado por favor entrar em contato com:

Ana Claudia Patitucci: 3873-3457
Ana Maria Sigal: 3667-7469
Cristiane Sammarone: 3064-9613
Eliane Berger: 813-7005
Lila Vidigal Meyer: 3862-1936
Luciana Kopelman: 3862-7743
Márcia Alexandra: 887-7062
Patrícia Nardi: 296-5365
Roberta Bertane: 3862-1936
Vera Leme: 852-0070

RESENHA

A ESCUTA FIGURAL ENTRE O SONHO E A PALAVRA

Resenha da dissertação de Eliana Borges Pereira Leite, *A Figura na Clínica Psicanalítica* (defendida em 7 de maio de 1999, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica; orientador: Dr. Renato Mezan)

Curiosos estes tempos em que o culto à imagem, marcando a contemporaneidade, parece dominar as relações entre os indivíduos. Do vídeo ao clipe, do letreiro luminoso gigante a cada farol ao jogo virtual na tela do computador, o ritmo veloz com que tudo é apresentado dura apenas o instante fugaz em que a imagem, captando o olhar, impede o pensamento. Imediata e inequívoca, a imagem visual se impõe sobre a palavra, esta fonte incessante de ambigüidade e de equívoco, impedindo assim o tempo da hesitação e da reflexão: ver para não pensar. Esta parece ser a tirania dos dispositivos visuais em nossos dias, e seu risco é terminar por produzir uma espécie de *cegueira* que abolir toda interioridade.

Não é este, felizmente, o estatuto da imagem na psicanálise. Desde *A Interpretação dos Sonhos*, o processo denominado figuração, através do qual a transposição em imagens articula o impensado ou puramente sensorial com a linguagem, junto com os

outros processos que constroem o sonho (a condensação e o deslocamento), muito antes de restringir o pensamento, propicia justamente uma abertura de sentido. Contudo, existem práticas em que o psicanalista "aposta no simbólico" e recusa o imaginário, ignorando toda a potência da figuração. Essas análises geralmente conduzem a uma espécie de culto ao significante no qual todo afeto - para não dizer o sofrimento psíquico - é ignorado, já que, nelas, a metapsicologia e a psicopatologia psicanalítica são substituídas por uma teorização que privilegia as formas discursivas esvaziadas de afeto. Numa outra direção, existem análises em que a fascinação pelo imaginário é o eixo de um trabalho cujos riscos, quando não reduzem a psicanálise a uma mera decodificadora de símbolos, conduzem ao afastamento dos fundamentos inconscientes do psíquico. Seja qual for a justificativa ou moda teórica que orienta essas práticas, é possível que ambos os tipos perdem de vista a distinção que deve ser feita entre as noções de imagem e imaginário.

Não é sem razão que o termo *figuração* é preferencialmente usado para designar os processos representacionais nos quais aquilo que se coloca em imagem antecipa ou propicia o pensado. Embora a idéia de uma antecipação possa sugerir uma relação temporal em que a figura antecede a linguagem, a reversibilidade do caminho da segunda para a pri-

meira indica, mais do que uma possibilidade, uma verdadeira dialética. É a quebra dessa dialética que parece caracterizar a "Era da Imagem" - na denominação de muitos para descrever a nossa época - e frequenta certas análises.

A importância da dissertação de Mestrado de Eliana Borges Pereira Leite, que teve o prazer de examinar, é exatamente recuperar esse movimento dialético que está na base do estatuto da figuração na psicanálise como teoria que fundamenta uma prática. Sua proposta é clara: a psicanálise é um método figural, ou melhor, um método de construção e interpretação figural. Para dar consistência a essa idéia, Eliana dialoga inicialmente com a teoria da literatura, sobretudo com Auerbach em *Mimesis*, não só para percorrer o caminho da evolução da noção de figura no literário, mas para verificar os efeitos sofridos por essa noção ao ser transportada do literário - onde comparece como operador textual - para a cena da escuta analítica. Os graus de modificação que a noção de figura recebe nessa transposição são assim considerados para lembrar que o desenvolvimento mais tardio da teoria literária sustenta que *mimesis* não é *imitatio*, e neste sentido nunca estaríamos no campo da representação do mesmo, pois o que se apresenta já é outro, diferente. Esta conclusão abre a segunda vertente da dissertação e ressoa junto com as noções desenvolvidas por J.-B. Pontalis em

"Pender de vista" e por Pierre Fédida em *Nome, Figura e Memória*, aos quais a Autora recorre para lembrar que "a imagem visual não é cópia da coisa, ela torna a coisa à imagem": "A escrita pelas imagens contribui para preservar na análise a chance de alguma atividade psíquica, embora em seu estado mais elementar, possa manter-se e restaurar, pouco a pouco, o pensamento." (p. 105)

Nessa vertente, que fundamenta o desenvolvimento do Estudo I, do Estudo III e do Estudo V da dissertação, Eliana toma o sonho como modelo da escuta figural e investiga não só a presença da figurabilidade no modo de produção da própria teoria psicanalítica e na escrita de Freud, como também "a presença da visualidade e da figura nos processos anteriores à fala do analista, como condição de renovação das possibilidades metafóricas da linguagem na interpretação e na construção". Como ressaltava Eliana, a figurabilidade, inicialmente concebida por Freud como um modo de recepção que permite tornar legível o recaiado, é o que conduz a uma modalidade de escuta comprometida com as possibilidades criativas e transformadoras da linguagem na análise: "Uma escuta de natureza *estética* é a condição de um fazer psicanalítico de natureza *poética*, que relança o sujeito no movimento de sua própria historicização". Não se limitando a representar ou simbolizar, a figura é assim reconduzida por Eliana ao seu devido lugar conceitual e, se produz "a vivência de uma certa desorientação, na medida em que turva o limite entre a realidade externa e a realidade psíquica, entre o que se vê *diante dos olhos* e uma visualidade de *dentro*" (grifos no original), é porque "convoca a linguagem a procurar transpor" esse limiar.

É nesse ponto que se abre a terceira vertente do trabalho de Eliana, elucidando a preciosa epígrafe de Calvino colocada no início da sua dissertação: "Todos os fios com os quais a Autora vai tecendo os cinco estudos da pesquisa por fim se entrelaçam no contexto da clínica, para ilustrar, no Estudo II e no Estudo IV, com os ca-

sos do Homem Sucata, Laís e Francis, três aspectos que compõem a escuta figural. No primeiro caso, trata-se de uma verdadeira "instalação da análise como processo de interiorização do olhar, passagem do visível ao virtual" (p. 45). Nesse caso, um paciente antes tomado por um funcionamento linear e por uma fala detalhista que o protegiam de um ameaçador "pode ser" do virtual, começa a relatar seus sonhos na análise. Diante da insistente demanda do paciente por uma terapia mais dirigida que trouxesse progressos mais "visíveis", a analista pergunta sobre essa visibilidade. Isto fez com que as figuras comesçassem a se "movimentar" (p. 48), dando lugar à significativa lembrança de uma mãe deprimida que nunca voltava os olhos para o filho, produzindo nele a expectativa sempre frustrada de chegar a "ser visto". Esse olhar materno que nunca se deixava encantar ou seduzir pelos feitos do filho, colocou o Homem Sucata em dúvida permanente quanto ao que nele podia ser investido e é assim que a utilidade passou a ter para ele um papel determinante: "O que não é útil pode virar sucata" (p. 49). À medida que a situação analítica vai se instalando como espaço psíquico e se movimentando com a ocorrência de imagens que, "flutuando entre" as palavras do paciente e a escuta da analista, conferem à fala daquele "a mesma virtualidade da narrativa de um sonho". As "visões" de lugares em que a analista esteve, filmes a que assistiu e quadros que apreciou, "recortadas e suspensas em isual memória pessoal, operavam como restos mnêmicos emprestados ao paciente, cuja materialidade conferia certa forma, certa materialidade transitória, ao que tinha sido, até então, inutilmente buscado pelo recurso equivocado das explicações-sintoma" (p. 51).

No segundo caso, o de Laís, cujo corpo dói, é a função imaginativa da analista como definidora da modalidade da escuta figural que levará à reinstalação, na transferência, das condições dolorosas em que o olhar materno não viu. Uma dificuldade logo se apresentará, pois, sob as queixas constantes da paciente, sempre bus-

cando a atenção e o cuidado real da analista, encontra-se a experiência dramática de um aborto, que se relaciona a um luto inconcluso que impedia a paciente de sonhar. Esse luto encontra-se articulado a um outro, tributário de uma lembrança "sem legendas" (p. 92), na qual a mãe da paciente a coloca no chão para pegar no colo um outro bebê. Se, durante a análise, a recusa dessa paciente em usar o divã e o uso constante de óculos escuros para não ver sua tristeza sendo vista pelo outro (p. 90) apontam para os riscos da invisibilidade da imagem dela no olhar da analista, o fato é que a dificuldade desse caso reside no caráter insuportável de qualquer flutuação de sentido que ameaça com uma abertura ao virtual, sempre que o processo analítico propiciar a figuração: se Laís se defende então pela realidade, é por causa da dor de pensar. "Refêm da repetição", a paciente encontra-se cega, e embora tente se proteger do olhar do outro para não se sentir interrogada, não pode impedir na analista a atividade associativa. Nessa difícil análise realizada em língua estrangeira (a paciente era de outro país) e interrompida prematuramente, todos esses aspectos, além da demanda por uma analista que falasse a mesma língua que ela, escondem, na verdade, o temor profundo da alteridade. Esse temor é renovado a cada vez que a analista a convida a se instalar em uma situação mais interiorizada, situação cujo perigo apresenta um impasse produzido pelo que, nas palavras de Luís Carlos Menezes citadas por Eliana, "escapa à atividade representativa, de maneira a poder dar algum sentido ao que se apresenta como pura dor, disruptiva e paralisante, ou ainda, a tornar pensável o impensável" (p. 97). Como a Autora nos mostra, a dura lição do caso de Laís parece confirmar que a capacidade do analista para "sonhar ou ter pesadelos à cabeceira do divã" não é suficiente: "se não é o caso de contentar-se com a manutenção da função imaginativa, é essencial poder sustentar-se nela nos momentos em que a morte ronda a linguagem" (p. 105).

Finalmente, é examinada a análise de Francis, um artista-plástico que, num certo momento, define a análise como "um longo trabalho de desinstalação" e que, nas palavras de Fédida, pretendia "fazer de sua análise, e mesmo da analista, uma obra de arte" (p. 108): "Ao contrário de Laís, que não podia sonhar, toda a vida de Francis, seus relacionamentos, seu trabalho são, a seu modo, produções oníricas nas quais ele se instala. Assim como a realidade para Laís, a virtualidade pode ser, para Francis, uma defesa que o preserva do trabalho do luto". Sob as camadas de tinta que revestem suas telas, é o rosto desaparecido de sua mãe que Francis escavava, "um rosto e um olhar que lhe devolvessem o reflexo de seu próprio rosto". Essa escavação em busca de si mesmo também termina por produzir o novo: a análise é então transformada em uma espécie de ateliê, onde o paciente constrói e movimenta fragmentos "do que pode ter sido sua história, da qual julgava não precisar". Esse "ateliê da análise" (p. 110) é que permite a delimitação da dimensão onírica de suas vivências e a construção, aos poucos, da vida real fora da análise. Se não se pode dizer que o final de uma análise e uma obra de arte são idênticos, não há como não considerar nelas seu parentesco, elemento comum em ambas.

sendo a capacidade de transformação operando no interior da figuração, aspecto ligado à sua potencialidade originária de sentido e forma.

Como se não bastasse o estilo límpido e belo do ponto de vista literário, a coerência teórica com que a Autora fundamenta suas investigações e o rigor com que submete os dados da clínica à metapsicologia, sem dúvida fazem de *A Figura na Clínica Psicanalítica* uma leitura indispensável a todo aquele que se acredita comprometido com o alívio do sofrimento emocional de seu cliente. Nestes tempos em que a proliferação preocupante de textos psicanalíticos cuja abstração vazia mal consegue disfarçar o sotaque daquele ou daqueles que se procura imitar, é com grande expectativa que aguardarei a publicação da dissertação magistral de Eliana Borges Pereira Leite.

Ana Cecília Carvalho é psicanalista, professora-adjunta do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, mestre em psicologia e doutora em Literatura Comparada.

Endereço para correspondência:
H. California 729, apto. 401
Slon - Belo Horizonte - MG
CEP 30315-500
Tel: (31) 285-3327
Fax: (31) 285-4139
E-mail: annak@ptb.com.br

NOTA

1. Vale a pena transcrever aqui a citação de Calvino recuperada por Eliana: "Mas o que Kublai considerava valioso em todos os fatos e motivos trazidos por seu mensageiro infatigante era o espaço que restava em torno deles, um vazio não preenchido pelas palavras. As descrições das cidades visitadas por Marco Polo tinham esse dom: era possível percorrê-las com o pensamento, era possível se perder, quase para tomar as freixas do Ir emboca rapidamente." (*As cidades invisíveis*)

O CD *Viação* - 17 canções de David Calderoni - pode ser encontrado nos seguintes endereços:

FNAC
(antiga Atica Shopping Cultural)
Av. Pedrosa de Moraes, 858
Pinheiros - SP F. 867-0022

Livraria da Vila
R. Fradique Coutinho, 915
V. Madalena - SP F. 814-5811

Livraria Pulsional
R. Dr. Homen de Mello, 351
Perdizes - SP F. 3675-1190

Casa do Psicólogo
R. Alves Guimarães, 456
Jardim América - SP F. 852-4169

Livraria Belas Artes
Av. Paulista, 2448
Cerqueira César - SP F. 231-5764

Encomendas pelo e-mail:
davidcal@uol.com.br

David Calderoni

CONTOS

HABLANDO DE
BRUJAS Y BRÚJULAS

Un domingo llovió.

Rafael se sentía solo, salió al jardín, miró al cielo y lo vio: era un arcoiris.

- ¿Qué habría después del arcoiris?
- pensó

Sus papás estaban dentro de casa. Llamó a su mamá y le preguntó:

- ¿Qué hay después del arcoiris? -

Peró en ese momento su hermanito comenzó a llorar. La mamá corrió a la cuna del bebé y no le pudo contestar.

- ¡Qué rabia! - pensó Rafael. ¿Acaso vale más un llanto que una pregunta?

Fue entonces adonde estaba su papá y le repitió la pregunta:

- ¿Qué hay después del arcoiris?

El papá, que estaba en la mitad de alguna cosa muy importante, le contestó de mal humor:

- No lo sé Rafael, estoy muy ocupado, ¿no lo ves? -

El arcoiris todavía brillaba en el cielo.

Rafael quería que alguien compartiera ese momento con él, pero no se atrevió a pedirselo a sus papás de nuevo. Sobre todo - quería una

respuesta a su pregunta y quería saberla ¡YA!, no podía esperar hasta la próxima lluvia.

De pronto le pareció que el arcoiris se iba desvaneciendo y creyó ver a lo lejos, bajo la lluvia, una bruja gris.

Tuvo miedo y se fue a su dormitorio. Se recostó y se volvió una vez más hacia la ventana. Finalmente se durmió.

En ese mismo momento las hadas, que conocen lo que hay después del arcoiris (y saben interpretar el mensaje de sus colores), se dieron cuenta de que Angustia, la hechicera malvada había borrado los

colores y, con ellos, se había llevado la alegría de Rafael.

- ¿Que podríamos hacer nosotras? Preguntó una de ellas.

- Nosotras, nada -
- ¿Y quién entonces? -
- ¡Mila!

- Tenemos que llamarla -
Una de las hadas se ofreció para ir a buscarla.

Al día siguiente Mila se despertó con un perfume de azucenas y ella, que conocía muy bien ese aroma, reconoció el llamado:

- ¿Eres tú Azucena? -
- ¡Hola Mila! -
- ¿Qué haces aquí? -
- Queremos hablar contigo -
- ¿Qué necesitan de mí? -

- Necesitamos tu ayuda: Angustia, la hechicera, le ha robado los colores al arcoiris y ha dejado gris la vida de un niño.

- Debemos hacer algo. ¿Ustedes tienen algún plan? -

- Pensábamos regalarle un sueño, ya sabes que a nada le teme más la hechicera que a los sueños.

- ¿Y yo...? -
- Tú eres el sueño -
- ¿Yo?, entonces iré al país de los sueños por el camino más corto, cruzaré el puente del arcoiris.

Y se fue al encuentro de Rafael.

Rafael estaba en un jardín, era un jardín donde había todo lo que un niño quisiese, árboles repletos de frutas maduras, cascadas, flores, pájaros. Rafael quería todas esas cosas, había hecho un viaje muy largo y tenía hambre y sed. Se acercó a la cascada para beber, pero la cascada se alejó de él. Rafael vio que, mientras se alejaba, el agua se iba evaporando y tomando la forma de una bruja. Era una bruja gris. El alegre sonido del agua se transformó en una grotesca carcajada. Rafael se alejó corriendo, y corrió tanto que le dio calor, vio entonces un árbol y quiso sentarse a descansar bajo su sombra, pero cuando se sentó, ya no había sombra. Miró hacia arriba y vio que en lugar del árbol había una bruja con los brazos abiertos.

- ¡Bruja malvada! gritó. Volveré con mis amigos y ya verás.

- ¿Cuáles? preguntó la bruja

- ¿Acaso no sientes sus risas? Deben estar por aquí cerca.

- Entonces anda a buscarlos.

En efecto, Rafael escuchaba las

risas de sus amigos, sin duda debían estar muy cerca, pero ¿cuál era el camino?

Se dejó guiar por el sonido de las risas y tomó un sendero pero caminó y caminó y nunca llegaba. Miró entonces a su alrededor y vio que todo lo que lo rodeaba no tenía colores: era gris. Se dio cuenta entonces, de que todavía la bruja estaba junto a él.

- ¡Déjame en paz bruja malvada!

- ¿Y tus amigos?

- No lo sé -
- Estás solo Rafael, ¿no te das cuenta?

Pero Mila ya había llegado al país de los sueños.

A Rafael le pareció que uno de los senderos tenía colores y corrió hacia él. Notó que un objeto redondo y pequeño caminaba. Se acercó y le preguntó:

- ¿Tú también eres una bruja?

- No, yo soy una brújula.

- ¿Y que haces brújula?

- Enseño el camino.

- ¿Qué camino?

- El de cada cual, ¿quieres ver el tuyo? Sígueme.

Rafael desconfiaba. Seguía a una cierta distancia el divertido caminar de ese extraño objeto. La verdad es que no tuvo que caminar mucho. Sobre un pequeño monte una perrita lo miraba. Lo estaba esperando.

- ¡Hola Rafael!

- Y tú, ¿quién eres?

- Soy Mila, vine a ayudarte.

- Qué bueno, acompáñame, tenemos que vencer a una bruja.

- No Rafael, eso tendrás que hacerlo tú mismo. A la hechicera Angustia tendrás que enfrentarla tú. Yo estaré esperándote aquí.

- ¿Cómo "aquí"? ¿Viniste a ayudarme y no me vas a acompañar?

- No te preocupes Rafael, no te sentirás solo. Mi luz te acompañará.

Rafael regresó por el mismo sendero. Todavía tenía miedo. De tanto en tanto escuchaba la carcajada de la bruja. Pensó en desistir pero al mirar hacia atrás vio que el reflejo de Mila estaba junto a él. Se dio cuenta de que no estaba solo y se sintió fuerte y poderoso para enfrentar a la bruja Angustia. Tenía la luz.

La bruja lo esperaba burlona:

- ¿Estás solo?

- No.

- Claro que estás solo, yo no veo a nadie.

- Pero yo los veo.

- ¿Dónde?

- Es que ahora tengo una luz.

- ¿Qué luz?

- La luz de Mila mi...

La bruja se esfumó al escuchar el nombre de Mila.

Angustia había perdido esta batalla.

Rafael estaba feliz otra vez, volvió a sentir el ruido del agua en la cascada. Se acercó y bebió a sus anchas y recordó que alguien lo estaba esperando.

Pasó corriendo por debajo del árbol que, de esta vez, no le negó su sombra y llegó al lugar en donde Mila lo esperaba, Rafael parecía cansado y hambriento. Mila le preguntó:

- ¿Tienes hambre? ¿Quieres chocolate?

- ¡Chocolate! ¡Claro! contestó Rafael.

- ¿Te gusta el chocolate?

- ¡Mucho!

Y así se despertó. Se dio cuenta de que se le había pasado la angustia; tal vez por el dulce sabor de chocolate que aún sentía en la boca.

Miró al cielo, en donde todavía brillaba, con todos sus colores el arcoiris.

ÉRASE UNA VEZ GABRIEL

¡Gabriel! ¡Gabriel!

Nada, ni los llamados de la profesora, ni las risas de los niños, nada conseguía sacar a Gabriel de sus devaneos...

...devaneos, en cuantos devaneos se sumergía Gabriel y se dejaba ir, en cuantas alfombras mágicas, en cuantas naves espaciales, de la mano de tantas princesas, rumbo a desiertos, a castillos encantados...

Solía entretenerse camino al colegio, a veces con una guerra entre hormigas y se imaginaba que era el general de uno de los bandos. Otras veces se distraía con el aleteo de un picaflor. Su plumaje verde lo llevaba rumbo a las aguas del Caribe... y así, medio caminando y medio navegando entre picaflores y hormigas llegaba (tarde) a la escuela.

Cuando la profesora le preguntaba porqué había llegado tarde, no le quedaba más remedio que decir la verdad:

- Estaba mirando umas hormigas -
 ¡Hormigas! - ¡La profesora se lo quedaba mirando atónita! Sus excusas no tenían ningún valor.

Pero a él le resultaba inevitable el dejarse llevar por las aventuras que creaba su imaginación, y que luego se transformaban en cuentos que le contaba a sus amigos y a quienes quisiesen oírlo.

Sus historias se hicieron famosas y a la hora del recreo los estudiantes se acercaban a escucharle. Incluso uno que otro profesor se distraía de su camino para escucharlas.

Su sensibilidad y su imaginación conquistaban naturalmente a las personas. Gracias a esa sensibilidad terminó, sin grandes dificultades la primaria.

Sólo sus padres se preocupaban con su destino y le preguntaban: "Hijo, cómo te vas a ganar la vida cuando grande, si te lo pasas contando historias".

A fines de año Gabriel les dio a sus padres la satisfacción de haber cumplido la primera etapa de sus estudios, con eso aseguraba su ingreso a la secundaria. Pero seguía contando historias. No podía evitarlo.

Y llegó el verano. Para los que se quedaron en el pueblo se hizo una costumbre continuar escuchando las historias de Gabriel. Sólo cambió el escenario: ahora se juntaban en las tardes a orillas del río Verde y Gabriel los encantaba con sus cuentos de magia, de perros que hablaban, de papagayos cantores, de muñecas que tenían corazón, de sueños con hadas y brujas.

Las vacaciones estaban terminan-

do. Los que volvían de sus viajes se unían a las tardes de las historias mágicas.

Pero lo que nadie sabía era que Gabriel, cada tarde y antes de que los demás llegaran, tenía una cita secreta con el río. Llegaba siempre temprano y se sentaba a mirarlo. Sus verdes aguas le inspiraban y le hacían soñar. Así nacían las historias que contaba.

La última tarde no fue muy distinta a las demás. Gabriel fue a su habitual encuentro con el río que le inspiró la más linda de sus historias, la de la princesa Esmeralda.

Él presentía que un sueño podía hacerse realidad.

La gente, como de costumbre, fue llegando. Alguien le comentó: "se acaba el verano, ¿cuál será nuestra última historia?".

Gabriel, sin despegar los ojos del río sonrió y simplemente comenzó a decir:

"Cuenta una leyenda que, no lejos de aquí, había un río famoso por la belleza de sus aguas. A ellas debía su nombre: "Esmeralda".

Durante el día la corriente parecía acompañar el paso y el cantar de los niños que por allí pasaban. Pero, en las noches de luna llena, desde el fondo de sus aguas surgía una voz femenina que cantaba una triste canción:

"Luna, por un extraño encantamiento he perdido la luz de mis ojos que han teñido de verde las aguas del río. Tú que conoces el secreto de los cambios devuélveme la luz que me han robado".

Mientras iba contando la historia no se escuchaba ni un suspiro.

Todos estaban entretenidos y no vieron que una niña desconocida se había acercado curiosa. Ella también se había dejado llevar por el hechizo de las palabras de Gabriel.

El escenario cambiaba una vez más. Era el primer día de clases.

La madre de Gabriel llamó a su puerta: "¡Gabriel! Levántate, no te olvidés que hoy comienzas la secundaria".

Gabriel no lo había olvidado.

Pero es difícil librarse de las costumbres, buenas o malas. Inevitablemente llegó tarde al colegio.

Sin embargo ese día él no tendría el honor de ser el último en llegar. Alguien más llegaba corriendo antes de que el portero cerrase la puerta. Y así se encontraron: ella tan alborotada como él.

Sí, porque era una niña de ojos verdes la que llegaba así, al borde de la hora. Y llegó tan nerviosa que se le cayeron los libros al suelo, cerca de Gabriel quien, con un gesto natural los recogió y se los entregó diciéndole:

Toma...

...Esmeralda- le contestó ella.

Para su princesa, esta vez de verdad, Gabriel escribió su primer cuento.

Este cuento es en homenaje a Gabriel García Márquez, quien nos enseñó a entender la realidad a través de sus fantasías.

Darcy Haddad Daccaco

LANÇAMENTO

O TEMA DA FEMINILIDADE EM NOVO LIVRO

O livro "La feminite autrement", editado pela Presses Universitaires de France, foi lançado em fevereiro de 1999. Ele inaugura uma nova coleção, "Petite Bibliothèque de Psychanalyse", dirigida pelos psicanalistas Jacques-

Andre e Jean Laplanche. O livro é composto por seis artigos escrito por psicanalistas de várias nacionalidades, entre eles uma brasileira, Renata Uндler Cronberg, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Ele teve seus direitos de tradução para o espanhol adquiridos pela editora Nueva Vision, devendo receber, em breve, uma edi-

ção no Brasil.

Os seis artigos que compõem o livro são: *O fogo do leite - a mãe e o erótico do aleitamento*, da francesa Hélène Parat, *As mães que matam*, da canadense Hélène David, *E mudar de prazer*, da francesa Lucile Dummeyer, *Clérambaut, as fêmeas e a paixão dos tecidos*, do italiano Maurizio Balzano, *Fio de Ariadne - A teoria e o femini-*

no, do francês Jacques André e *Um corpo que cai ... um corpo que se ergue-feminilidade dita de outro modo*, da brasileira Renata Gromberg.

O ensaio de Renata pretende mergulhar o universo psicanalítico em um caldo cultural contemporâneo para ressituar-lo e lançar-lhe questões surgidas de inquietudes da prática clínica. Na primeira parte, ela aborda o texto "A conquista do fogo", onde se vê Freud ter acesso e deixar cair a chave do pulsional. Através do domínio do erotismo uretral, ele teria podido ter acesso aos enigmas da feminilidade, sem confiná-la ao continente negro e à obscura rocha da castração. No entanto, os últimos textos de Freud, ao privilegiar as consequências para o Ego do complexo de castração, apontam que o risco de uma dessexualização da psicanálise em detrimento de uma psicologia do ego não é apenas um projeto pós-freudiano mas já está presente, em

germe, nos últimos textos de Freud. A segunda parte deste artigo apresenta considerações em torno do ponto de Grafenberg (o ponto G), zona erógena no interior do corpo das mulheres. Na terceira parte, a autora pretende pensar como no espaço psíquico dá suporte a vivência da sexualidade pós-edípica e pós-genital. Na quarta parte, ela tenta enforçar a questão do corpo em psicanálise, através de um recorte que procurará pensar as difíceis questões que se colocam no momento crítico da instalação do conflito edípico, por volta dos três anos, em relação ao destino da identificação com o corpo da mãe, que leva a uma representação do corpo materno realizada diferentemente para o menino e a menina. Seria a problematização das vicissitudes da queda do corpo feminino materno na infância que a leva, na última parte do texto, a abordar as possibilidades em torno de um corpo que cai e quais os apoios que um ou-

um outro corpo se erga. Se é vertigem, na tortura, no desmaio, que vemos a queda do corpo aparecer sintomaticamente na histeria, é também na queda do investimento no corpo como fático que se pode mergulhar na positividade do corpo feminino. Se é verdade que não podemos pensar o pré-edípico e o pré-genital, fora da relação triangular, que está sempre dada, enquadrando estas vivências, a autora pensa que se poderia dar um papel aos corpos e aos líquidos corporais que daria a possibilidade de novos enfoques em cima do enigma da feminilidade e de seu contraponto, a histeria. Ela utiliza da pesquisa de dois antropólogos, Françoise Héritier e Jacques Dupuis, para ressituar o tabu de incesto e a paternidade, de forma a recolocar a necessidade de sua existência em outras bases e de maneira diferencial para homens e mulheres, e historicizar a emergência da paternidade.

ÍNDICE

Editorial	1
Cartas para o Boleim	5
Coordenação de Áreas	7
Reportagem 1	11
Reportagem 2	13
Reportagem 3	14
Resenha	15
Contos	17
Lançamentos	29

Conselho Editorial: Anna Correia, Camila S. Gonçalves, Eva Wongtschowski, Henriette Abramides Bucarechi, Maria de Lourdes Caleiro Costa

Editoração Eletrônica: Wilson Montiel, tel: 816-1137

Impressão: Gráfica Estampato tel: 826-5977

Tiragem: 400 exemplares

Departamento Sedes de Psicanálise Sapientiae

R. Ministro Godói 1484 - sl 21 Fone/Fax: 3873-2314. CEP: 05015-900